

OSWALDO DOURADO

ANDARILHO POR ACASO

**Três Lagoas – Mato Grosso do Sul
2021**

COPYRIGHT © 2021 ANDARILHO POR ACASO

Este livro é uma produção independente.

Autor: Oswaldo Dourado

Todos os direitos reservados.

Capa: Rafael Gabriel da Cruz

Diagramação: Oswaldo Dourado

Revisão: Sparr & Donato – Preparações e Revisões Textuais.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de qualquer forma, sem a autorização expressa, por escrito, do autor, exceto pelo uso de citações ou breves resenhas.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados ao autor. É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a prévia autorização da editora. Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

“(…) Toda religião simplesmente desenvolveu-se com base no medo, ganância, imaginação e poesia.”
Edgar Allan Poe

PREFÁCIO

Normalmente, quando escrevo uma história, não procuro dar tema algum, deixando fluir todo o conteúdo e só depois verifico com que título devo nomeá-la. Não foi o caso deste livro, cujo tema surgiu dez anos antes de toda a história.

Uma vez, enquanto conversava com uma criança, ela narrava sobre um andarilho que pediu comida em sua casa, disse que um cachorro o acompanhava. Quando o andarilho saiu pela rua, ela e os amiguinhos saíram atrás jogando pedras no cachorro. Eu fiquei indignado e perguntei: “Se alguém te jogasse pedras, você gostaria?”. Ela me respondeu: “Eu sou andarilho por acaso?”.

Para aquela criança de quatro anos, cachorros de andarilhos deveriam ser apedrejados. Nem imagino como ela chegou a essa triste conclusão. Como a frase ficou gravada em minha mente, pensei em dar a um livro que escreveria no futuro.

Nesta história, conto como um empresário de sucesso torna-se um andarilho, saindo de Dourados, no Mato Grosso do Sul, e tornando-se usuário de craque em São Paulo a partir do ano 2000. A motivação de suas andanças começa quando a decepção com sua religiosa esposa torna-se maior do que podia suportar.

O livro traz uma reflexão de como o cristianismo ficou sucateado pela ambição capitalista dos religiosos contemporâneos.

Duas frases descrevem fielmente este livro: a de Sigmund Freud que diz: “Um homem que está livre da religião tem uma oportunidade melhor de viver uma vida mais normal e completa”, em consonância a um verso bíblico de Tiago 1, 27: “A religião pura e imaculada para com Deus e Pai, é esta: visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo”. Logo, amar ao próximo é tão simples que nos liberta da religião, mas o homem se sente realizado estabelecendo suas religiões e doutrinas.

ALFONSINHO

Alfonsinho Brown Júnior tentou tomar muito cuidado e se restringiu bastante, não queria mais ser absorvido pelo sistema religioso. Deixou de frequentar a igreja para ter uma vida independente. Por vinte e cinco anos, viveu cuidando impecavelmente de ser o que as pessoas queriam que fosse, sobretudo sua esposa, a missionária e vereadora Constança Brown, da cidade de Dourados, no Mato Grosso do Sul.

É muito fácil se tornar uma presa doméstica na centrífuga da energia social da igreja. Ele não era esse tipo de pessoa deslumbrada pelo sistema social, nem tinha necessidade de estar interagindo com diversas pessoas para se sentir bem. Era livre em seu interior, mas vivia comedido, procurando não contrapor as vontades da esposa. Sentia-se um prisioneiro quando girava ao redor da agenda do ministério eclesiástico. Mas era obrigado. Achava que as demais pessoas da igreja, e outras milhares, necessitavam ser domesticadas, disciplinadas, envolvidas com o sistema religioso. Sem isso, elas não conseguem prosseguir, não sentem saciedade pessoal, precisam estar sempre em conexão com as pessoas e as propostas da igreja. Observava que elas sentiam-se felizes ou realizadas em participar das demasiadas tarefas oferecidas, e acreditavam que sem as excessivas atividades não conseguiam ser de Deus, que cometeriam pecados, por isso precisavam

de cabrestos, de disciplina. Isso era bom para elas, mas não para Alfonsinho; o ativismo lhe fazia mal.

Agora não quer mais guardar segredo de sua real verdade, não deseja fazer parte desse sistema, está na hora de se rebelar declaradamente, se bem que não interpretava como nenhuma rebelião, porque nunca fora inteiro daquele regime religioso. Sempre adiou sua decisão devido aos filhos, não temia as ameaças da esposa com seus juízos finais, dizendo que Deus o levaria para o inferno, nunca pensou em um Deus daquele jeito. Mas agora, com a emancipação dos gêmeos caçulas, nada mais o detém.

CARTA AO PASTOR

Alfonsinho escreveu uma pequena carta para o pastor, tentando se culpar pelo afastamento da igreja:

Dourados, 10 de maio de 2000.

Caro pastor Antunes:

“Há tempos estou querendo me desligar do rol de membros da igreja, mas protelei devido às atividades ministeriais da minha esposa e dos filhos. Também por covardia e conformismo. Apesar das minhas tentativas, principalmente para agradá-la, não sou capaz de dar continuidade. Com a certeza de sua compreensão, alerto para não me procurar para debater sobre este assunto, porque poderei ser deselegante.”

Atenciosamente,

Alfonsinho Brown Júnior.

Não queria magoar o pastor, nem ser taxado como rebelde, queria apenas viver longe de tudo. Sabia que não era o suficiente para se livrar da situação, mas apenas o começo de um longo desgaste. Estava consciente e preparado.

Passou a faltar à igreja, a não participar das atividades semanais, em que na maioria das vezes era apenas o chofer ou o ouvinte:

Evangelismo de Rua, Grupos Familiares, Reunião dos Homens de Negócio, Reunião de Intercessão, Reunião dos Casados Para Sempre... Os protestos da esposa não mais o afetavam: “Você vai para o inferno, Alfonsinho, com certeza Deus vai cobrar isso!”. No começo, Alfonsinho se defendia, depois não se incomodou mais, começou a sair para pescar aos finais de semana, bebia vinho com os colegas, vodca, uísque e muitas cervejas. Já fazia seis meses que não aparecia na igreja, poucos sentiram a sua falta, ou ao menos perguntaram por ele.

Constança, aborrecida com o descaminho do marido, queixou-se com o pastor Antunes, disse que Alfonsinho estava perdendo o amor de Deus, que não amava a obra de Deus, estava virando um mundano alcoólatra e temia que ele fosse para o inferno. O pastor a acalmou dizendo que era apenas uma leve fase.

– Constança, minha querida, deixa as coisas seguirem seu curso, logo ele estará de volta, ajoelhado no altar sagrado, fique em paz.
– Constança não ficou satisfeita com a imparcialidade do pastor e pediu que fosse fazer uma visita em sua casa para fazê-lo cair em si. O pastor ficou sem saída, não queria se contrapor a Alfonsinho.

– Olha, minha querida, eu não disse para você não ficar agitada, mas ele me enviou uma carta de desligamento da igreja, acho bom darmos um tempo para ele.

– O quê? E o senhor não me disse nada? – Indignou-se.

– Não queria te assustar. – Arrumou o nó da gravata, embaraçado.

– Pastor, as coisas são piores do que eu imaginava, agora que o senhor deve ir mesmo! Alfonsinho está indo longe demais com sua rebeldia. – Levantou-se abruptamente, parou na porta do escritório e disse: – O senhor está muito tolerante com ele.

Constança era autoritária, o pastor não tinha argumentos para persuadi-la a dar mais tempo para Alfonsinho. Convocou uma comissão com os líderes da igreja e marcou uma conversa com o dissidente.

CONSTANÇA

Constança era líder em diversos setores da igreja, sempre ativa, organizava eventos, dava aulas no curso teológico, pregava nos cultos de missões, contudo nunca fez uma missão de cuidar de uma comunidade ou estabelecer uma igreja em algum local. Apenas, pregava sobre o tema em diversas igrejas do ministério chamado “Igreja Evangélica C.E.U. - Centro Espiritual Único”, já era enorme a ramificação dessa igreja, havendo em diversas cidades do Brasil e do mundo, sua sede principal ficava na capital do estado do Mato Grosso do Sul: Campo Grande. Ela se considerava uma missionária e estava prestes a se tornar uma bispa deste ministério. Alfonsinho participava de todas as convenções possíveis, porém estava sempre ouvindo e ouvindo. Tentaram colocá-lo em alguma liderança, mas o deixaram em paz quando viram que ele não correspondia às expectativas da igreja. Tão somente permanecesse membro, dando seus dízimos, tudo estava bem, o deixavam sossegado. Afinal, era um empresário bem-sucedido no ramo imobiliário, a Imobiliária Brown era a maior da cidade, e suas contribuições para os eventos da igreja eram sempre generosas.

Alfonsinho era dono da imobiliária que herdara dos pais. Tinha apenas uma irmã, a Cecília, que não se interessava pela empresa. Formado em Administração de Empresas, aumentou o patrimônio da família consideravelmente, com trabalho árduo e muita dedicação.

Conheceu Constança em um momento inusitado enquanto visitava seu pai no hospital onde estava internado, em estado crítico, com um câncer de próstata que havia tomado proporções maiores. Ela era enfermeira no hospital, muito eficiente e bondosa. Uma vez, quando foi fazer uma visita a seu pai, foi surpreendido por Constança ajoelhada ao redor da cama orando por ele, cada vez mais a admirava. Era alta, loura, comunicativa, com belos olhos azul-piscina e um sorriso ingênuo e sedutor. Possuía uma beleza angelical. Cativou o olhar de Alfonsinho de imediato e se apaixonou perdidamente na primeira semana. Em um almoço, ele a pediu em casamento, antes mesmo de pedi-la em namoro, estava vidrado nela. Ela sorriu e recusou, carinhosa, disse que não poderia cometer o mesmo erro. O erro de ter sido casada com um homem que ela dizia ser mundano, sem Deus na terra. O casamento durou dois anos difíceis, afastando-a da missão de salvar pessoas, pois as amava e tinha o compromisso com Deus de levar Sua Palavra aos quatro cantos do mundo. Considerava-se uma missionária ungida para pregar. Não demorou uma semana para Alfonsinho frequentar a igreja de Constança e se tornar membro fiel. Seu pai morrera pouco tempo depois, e Constança lhe disse que ele havia aceitado Jesus e fora direto para o céu.

OLGA HELENA BROWN

Alfonsinho e Constança casaram-se em menos de três meses, a contragosto da mãe dele, Olga Helena Brown, que não simpatizava nem um pouco com a nora, na verdade, tinha verdadeira repulsa da boa enfermeira, a considerava falsa e fingida. Constança percebeu desde o início a indiferença da sogra, porém disfarçava sempre: “Oi, sogrinha, como está maravilhosa nesse vestido florido!”. “Falsa, hipócrita”, Olga pensava. Também detestava o jeito da nora de tentar levá-la para a igreja, pois a abordagem de Constança era criticar a igreja católica, os santos, as imagens. Isso a desagradava. Somente foi à igreja nas apresentações dos netos quando eram bebês, uma espécie de batismo. Olga preferiu se afastar do casal, foi morar próximo a Campo Grande, na belíssima Fazenda São Thomas More, herdada dos pais, era filha única. Com sua determinação, desenvolveram a criação de ovelhas de lã. Primeiro tentou trabalhar com as da raça Corriedale, porém o clima do centro-oeste do Brasil é tropical e, na maior parte do ano, é muito quente, não sendo propício para o desenvolvimento desses ovinos. Trocou pela **Texel**, uma raça originária da Holanda, com essa modalidade alcançou altos índices de produção de carne, leite e lã. Aos poucos, a fazenda tornou-se a maior criadora da raça e exportadora dos seus derivados. Na própria fazenda fazia-se o abate, a seleção de lãs e a produção de leite. Nos últimos cinco anos, bateu recorde de exportação

de seus produtos, tornando-se referência no Brasil e o primeiro lugar no ranking de exportações, principalmente para Nova Zelândia e Austrália.

Alfonsinho contestou o afastamento da mãe de sua vida, mas Olga era incisiva, preferia combinar o útil ao agradável e se afastar de Constança e dos netos, com quem não queria se relacionar, e fazer o que sempre desejou: ser criadora de ovinos. Isso o magoava, mas seguia o que Constança dizia: “sua mãe é egoísta, precisa ser salva”.

OS FILHOS

Em menos de quatro anos de casados, Alfonsinho se arrependeu amargamente. Constança tinha uma personalidade inflexível, mas considerava tarde demais, pois era apaixonado pelos três filhos. Por outro lado, Constança era uma mulher bonita, vaidosa, estava sempre na academia cuidando da aparência. Apresentava um programa na rádio e televisão local, chamado “A hora do *rush* com Deus”, uma programação de entrevistas, músicas gospel e pregações. Era admirada por todos, isso o deixava envaidecido, então empurrava o casamento. Também o casamento foi perseverando pelo fato de as crianças nascerem uma após a outra. Primeiro a Esther, e depois, com o nascimento dos gêmeos, Kaleb e Josué, que tiveram que ficar um tempo na Unidade de Terapia Intensiva, seu foco acabou se resumindo às crianças. As diferenças entre o casal ficaram em segundo plano. Depois vieram as viroses, gripes, cataporas, escolas, cercando o casamento e mantendo o casal junto. Constança contratou duas babás para cuidar dos filhos, mas Alfonsinho gostava de passar tempo com as crianças, estava sempre auxiliando as babás, era sempre um pai presente. Para isso, conseguia sempre diminuir sua agenda na imobiliária, sem perder a qualidade no trabalho.

No período escolar, participava de todas as reuniões pedagógicas possíveis. Kaleb era o mais sensível dos filhos, estava

sempre sofrendo *bullying* – as crianças o chamavam de K-lebre e saíam saltando – e chorava muito, tinha pânico da gritaria da criançada. O pai estava sempre na escola, dando força para o filho, resolvendo os problemas, levando-o ao psicólogo. Diferente da esposa, que nunca estava disponível, pois vivia envolvida demais com os assuntos religiosos, “servindo a Deus”, como dizia. Ele amava aquelas crianças.

Com os anos, acabou se acostumando, não tinha coragem de pedir o divórcio por pena das crianças. Deixou o tempo seguir seu fluxo. Amava os filhos, fazia tudo por eles. Agora, após tanto tempo e com quase cinquenta anos, começou a se perguntar se não era o momento de deixar Constança.

Os gêmeos, dois rapazes belíssimos, eram o desgosto da mãe: “Esses meninos estão dando mau testemunho na igreja, Alfonsinho, e você não faz nada, fica aí feito pateta”, disparava indignada com os filhos, Kaleb e Josué, que eram a angústia da aparente vida certinha de Constança.

Apesar de tímido, Kaleb sempre imitava o irmão e namorava quase todas as garotas da igreja. Era músico, tocava teclado no grupo da igreja. Era aquele tipo de rapaz inconstante, quando Josué trocava de namorada, ele também trocava.

Josué também era músico e cantava muitíssimo bem. Sua inconstância apenas se relacionava às atividades da igreja, não gostava de ter que ser exemplo, e não fazia questão de tentar. Provocava a mãe.